

## **MATEUS, O EVANGELHO**

## Coleção PALIMPSESTO

---

Coordenação editorial: **Prof. Dr. Paulo Nogueira**

- *O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*, Valtair Afonso Miranda
- *Bíblia, literatura e linguagem*, Júlio Paulo Tavares Zabatiéro / João Leonel
- *Mateus, o Evangelho*, João Leonel

JOÃO LEONEL

# MATEUS, O EVANGELHO



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Assessoria/área bíblica: *Paulo Bazaglia*  
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*  
Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*  
*Cícera Gabriela Sousa Martins*  
*Renan Damaceno de Almeida Silva*  
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Leonel, João

Mateus, o evangelho / João Leonel. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção Palimpsesto)

ISBN 978-85-349-3611-8

1. Bíblia. N.T. Mateus - Comentários I. Título. II. Série.

13-01959

CDD-226.207

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelho de Mateus: Comentários 226.207

2. Mateus: Evangelho: Comentários 226.207

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013  
Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
Fax: (11) 5579-3627  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3611-8

## APRESENTAÇÃO

**E**vangelho “eclesiástico” ou hostil a Paulo no tocante ao valor da Lei judaica? Formalista? Fundamento do primado de Pedro sobre os apóstolos e, por extensão, sobre toda a Igreja cristã? As leituras feitas sobre a obra que abre o Novo Testamento foram tantas, e tão variadas, que é possível perder-se no caminho, tamanhos tendem a ser os pré-conceitos (na terminologia de Gadamer) que condicionam nosso acesso a ela.

Por isso, e seguramente por mais, a aparição deste trabalho de João Leonel é mais que oportuna. Estudioso do Novo Testamento, e de Mateus em particular, já faz muitos anos, Leonel (como os amigos costumam chamá-lo) alia à sua atividade de pesquisador anos de docência (na Universidade Presbiteriana Mackenzie) e de pastorado (junto à Igreja Presbiteriana do Brasil), tarefas em que o manuseio qualificado da Escritura judaico-cristã é não só exigência, mas algo a que ele vem dedicando-se com seriedade e denodo. O presente volume é um dos resultados bibliográficos mais expressivos do conjunto de tais atividades.

Entre as várias riquezas que a leitora e o leitor encontram neste trabalho salientamos três, reveladoras das filiações que Leonel reconhece e horizontes que se põem, sincera e abertamente. A primeira delas é a abrangência bibliográfica. Leonel é um ávido leitor, obstinado mesmo por Mateus. Seu mestrado em Ciências da Religião e doutorado em Teoria e História Literária tiveram por objeto o evangelho que leva o nome do apóstolo. Essa dedicação de tantos anos tornou-o um grande conhecedor da literatura produzida sobre este escrito neotestamentário. Assim, ler Leonel é, por extensão, tomar contato com destacados

pesquisadores, especialmente da Europa e da América do Norte, que, gostemos ou não, vêm balizando as investigações sobre o Novo Testamento e Mateus, em particular. Termina-se a leitura com a sensação de um amplo voo, com questões/soluções que antes apenas suspeitávamos, com o olhar e a sensibilidade mais aguçados.

O segundo ponto a ser destacado são o cuidado e a atenção com que Leonel aborda a literatura sobre Mateus produzida mais perto dele, e de nós, seus primeiros leitores. Nosso autor se sabe brasileiro e latino-americano. E sabe o quanto o chão que se pisa permite e condiciona o olhar e a leitura. De forma generosa, nosso autor convida a quem o venha a ler que procure conhecer seus colegas e mestres, e outros que, eventualmente não partilhando de algumas das suas opções teóricas, nem por isso devem ser olvidados ou ignorados. O terceiro capítulo desta obra nos oferece um amplo espectro do que tem sido a nossa produção sobre Mateus, marcada ou não pelos influxos da Teologia da Libertação.

Os últimos capítulos da obra apresentam aquilo que caracteriza as opções teóricas de Leonel, na forma de cuidadosos exercícios e indicações. Aqui falam alto tanto o pesquisador como o professor, na busca de esclarecer quem terá sido, do ponto de vista técnico, o contador de histórias que a tradição convencionou nomear como Mateus. Suas estratégias na construção das narrações e discursos que se alternam saltam à vista de quem está acostumado a uma leitura corrida, ou então fragmentária, da obra. Sejamos ou não partidários da opção teórica definida e percorrida pelo autor, seguramente nos enriquecemos com o percurso que ele propõe, já que sua abordagem, ao mesmo tempo que é clara, é aberta e sugestiva.

Chega-se ao final da leitura com a sensação de que o *Evangelho segundo Mateus* se nos aparece mais luminoso, agudo e instigante. Ficamos agradecidos a Leonel por nos ajudar compe-

tentemente numa aproximação mais atenta e cuidadosa a este evangelho forjador de tanta história nesses últimos dezenove séculos (como tem salientado recentemente um dos grandes nomes nos estudos mateanos, Ulrich Luz). Síntese ampla do que tem sido dito, abertura a novas possibilidades de leitura, eis o que nos agradará encontrar nas páginas que se seguem.

*Pedro Lima Vasconcellos*  
Professor no Programa de Pós-Graduação  
em Ciências da Religião – PUC/SP

## INTRODUÇÃO

**M**ais um livro sobre o evangelho de Mateus? Sim, mais um! Este, pelo menos, justifica-se por fazer parte de um projeto editorial bem definido, que visa à divulgação de pesquisas acadêmicas a um público mais amplo do que aquele formado por pesquisadores e religiosos. Esse argumento me motivou a escrever.

Além do mais, pessoalmente penso que textos sobre Mateus sempre serão bem-vindos. Afinal, ele é o evangelho mais querido da Igreja e o foi em toda a sua história, ocupando o honroso lugar de primeiro evangelho no cânon bíblico. Percebi de modo prático essa importância, quando ganhei uma coleção de comentários da Bíblia de um líder de uma comunidade religiosa. Ele havia usado os comentários com frequência, durante anos, para preparar aulas bíblicas e pregações. São vários volumes. Olhando com mais cuidado, percebi que o exemplar que apresenta sinais de ter sido o mais consultado – capa gasta, lombadas com marcas de manuseio – é exatamente o que contém o primeiro evangelho.

O evangelho de Mateus tem acompanhado minha trajetória acadêmica. Tanto mestrado quanto doutorado foram feitos a partir de estudos nesse evangelho. No contexto das Ciências da Religião no mestrado, no campo da Teoria Literária no doutorado. Em seguida, vários artigos e capítulos de livros. Em perspectiva teórica, o evangelho é um texto rico, com muitas possibilidades de análise. Há muito ainda a ser escrito!

Do ponto de vista pessoal, é fascinante como, diante de mudanças físicas, psicológicas, mentais e ideológicas que tenho experimentado no decorrer de minha vida, o evangelho de Mateus



continua a trazer uma mensagem refrescante, profunda e desafiadora. Tenho mudado, e o evangelho me acompanha sendo um bom companheiro de caminhada.

Obviamente não sou o único a perceber o valor de Mateus. Há uma variedade de intérpretes e de interpretações disponíveis. Desde as patrísticas, alegóricas, pastorais, até as críticas, sob o impacto do criticismo bíblico, e as mais recentes, a partir de métodos sociológicos e literários. Apenas a título de sugestão, indico alguns livros úteis para a compreensão dos métodos de estudo do evangelho. O primeiro é o do britânico Graham N. Stanton, (org.), *The Interpretation of Matthew*, 2. ed., Edimburgo, T&T Clark, 1995. O livro coleciona textos de vários autores que se tornaram clássicos nos estudos mateanos. Outro livro é o do norte-americano Donald Senior, *What Are They Saying About Matthew?* Ed. revista e ampliada, New York, Paulist Press, 1996. As principais questões sobre a interpretação do evangelho são discutidas na obra. O próximo é organizado por David Aune e intitula-se *The Gospel of Matthew in Current Study*, Grand Rapids, Eerdmans, 2001. Como fica evidente pelo título, a obra apresenta as tendências contemporâneas no estudo do evangelho. Por último, e próximo da proposta do livro anterior, cito a obra organizada por Mark Allan Powell, *Methods for Matthew*, Cambridge, Cambridge University Press, 2009, que traz capítulos apresentando variados métodos de interpretação do primeiro evangelho.

Gostaria de mencionar uma obra individual que, até onde posso perceber, não exerceu o impacto que merecia entre os estudiosos de Mateus. Falo do livro do suíço Ulrich Luz, uma das principais autoridades sobre Mateus na atualidade: *Matthew in History: Interpretation, Influence, and Effects*, Minneapolis, Fortress, 1994. O autor apresenta uma avaliação das limitações do método histórico-crítico, propondo uma interpretação do evangelho que leva em conta, em suas palavras, a “história da influência”.

Isto é, no processo interpretativo, entram em jogo as variadas formas como ele foi lido durante a história da Igreja. A isso se acrescentam a dinâmica interna do texto e as vivências dos leitores que atuam no processo. Elementos somados, temos uma interpretação que não se fecha na história, mas que apresenta versões dinâmicas no decorrer dela. Essa metodologia se aproxima daquilo que, no campo da teoria literária, é conhecido como “estética da recepção” e “história da leitura”.

Como fica evidente, entre as obras que citei, não há nenhuma em português. Infelizmente, carecemos de estudos metodológicos sobre o primeiro evangelho e ainda engatinhamos, em se tratando de abordagens literárias.

Convém uma palavra de esclarecimento a respeito das citações bíblicas utilizadas. Optei por adotar a BÍBLIA Sagrada, 2. ed. revista e atualizada no Brasil, tradução de João Ferreira de Almeida, Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Essa versão é bastante difundida entre leitores no Brasil. Ela é bem conservadora em termos de teoria de tradução, o que, neste caso, é um dado positivo, pois permite comparações mais claras com o texto bíblico. Quando necessário, fiz uso do texto grego na edição de K. Aland *et al* (orgs.), *The Greek New Testament*, 4. ed. rev., Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

Outra observação diz respeito ao título do livro: *Mateus, o Evangelho*. Muito resumido e sem indicação clara de seu sentido, poderão dizer alguns leitores. Meu objetivo, com a inversão dos termos – é mais comum utilizarmos “O Evangelho de Mateus” –, é apontar para o foco a partir do qual leio e estudo o evangelho neste livro: o literário. Para tanto, opto pela predominância da leitura sincrônica, isto é, por trabalhar o texto em sua forma final, em lugar da perspectiva diacrônica, mais comum às interpretações tradicionais e críticas que leem Mateus a partir de seus aspectos históricos, sociológicos e antropológicos. A metodolo-

gia diacrônica propõe a interpretação do texto a partir de sua contextualização e sua relação com a história da constituição do grupo produtor e leitor do texto. Embora não negue tal abordagem hermenêutica, priorizo o contato com o texto, pressupondo que ele possui articulações retóricas e de comunicação apreensíveis pelos leitores em qualquer época. No capítulo final, faço um exercício de análise de um texto específico onde a proposta pode ser percebida de forma concreta.

Minha opção metodológica neste livro é literária. Em termos gerais, “ler a Bíblia como literatura”, embora possamos rejeitar a expressão por achá-la redundante. Dificilmente encontraremos alguém que afirma que estuda *Dom Quixote*, *Dom Casmurro* ou *Grande Sertão Veredas* “como” literatura. Tais obras são literatura e esse fato não precisa ser enunciado. Com a Bíblia dá-se o mesmo. Ela “é literatura”, embora na prática religiosa seja considerada e lida de muitas outras formas. Portanto, no contexto brasileiro, ainda julgo necessário afirmar a “leitura literária da Bíblia”.

Gostaria de agradecer a várias pessoas que contribuíram para este livro tornar-se realidade. Meus orientadores, de mestrado, Paulo Augusto de Souza Nogueira, e de doutorado, Suzi Frankl Sperber, possuem marcas no que escrevi. Ao colega e amigo Pedro Lima Vasconcellos, pela Apresentação bondosa que fez ao livro. Aos alunos de Teologia e de Literatura, com quem tenho dividido o que sei sobre o evangelho de Mateus.

Dedico este livro às mulheres de minha família. Minha mãe Conceição, minhas irmãs Zoraide e Telma, minha sobrinha Laura, minha filha Melina, e minha querida esposa Cláudia. Vocês têm me cercado com carinho e amor certamente imerecidos. Sem vocês, muitas interpretações da vida e do texto bíblico estariam irremediavelmente perdidas para mim.

## CAPÍTULO 1

### QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

**A**ntes de adentrar em aspectos mais específicos dos estudos do evangelho de Mateus, é necessário situar algumas questões preliminares, como autoria, datação e relação com os demais evangelhos neotestamentários. Isso se faz necessário, visto que no decorrer deste livro muitos dos autores citados tomarão como pressuposto as informações aqui presentes.

Mateus foi o evangelho mais lido e estudado nos primeiros séculos de vida do cristianismo. Não seria exagero afirmar, aliás, que ajudou a formatar o movimento em seus primórdios. Sintetizando Graham Stanton (1999, p. 136), pode-se dizer que essa posição de destaque se deve a algumas razões. A primeira delas é que, juntamente com o evangelho de João, o primeiro evangelho leva o nome de um dos apóstolos de Jesus – Mateus. Esse dado era um dos critérios para a introdução de um texto no cânon do Novo Testamento. Afinal, seu escritor teria sido testemunha ocular das palavras e feitos de Jesus. A segunda razão é o fato desse evangelho, mais do que qualquer outro, apresentar uma estrutura marcadamente didática, que se confirma pela presença de cinco grandes discursos,<sup>1</sup> tendo sido muito útil para o ensino daqueles que aderiam à fé cristã. E, por último, suas características judaicas estimulariam grupos judeu-cristãos a utilizá-lo, bem como as passagens pró-gentílicas atrairiam as igrejas dessa origem.

Em oposição à clara aceitação do evangelho nos primeiros séculos, a definição de questões relativas à origem, ao escritor

1 Capítulos: 5-7; 10; 13; 18; 24-25.

e à data de composição do texto é envolta em complexidades. Nesse sentido, vale mencionar o que dizem Stephen Neill e Tom Wright:

Alguns documentos antigos contêm informações precisas a respeito de sua autoria e data, mas muitos não. Na primeira classe estão obras como os Comentários de Júlio César e as Cartas de Cícero. Difícilmente alguém duvidaria da autenticidade dessas obras. Se elas são autênticas, nos dão informações claras e lúcidas, mais do que se tem sobre qualquer outro período da história antiga acerca da vida e pensamento no mundo romano em meados do primeiro século a.C. Na segunda estão os evangelhos. Nenhum deles fornece em seu texto o nome do autor; os títulos que encontramos nos antigos manuscritos gregos não fazem parte do texto original. Nenhum deles traz qualquer indicação como data e lugar em que foram escritos. Se um escrito antigo possui essa característica anônima e sem localização, como é possível fixá-lo no tempo e estabelecer com alguma probabilidade o nome do escritor? (1988, p. 41, tradução nossa).

Diante desse quadro de dificuldades e praticamente nenhuma informação interna e pouquíssimas externas que colaborem para a determinação dos elementos básicos da obra, como autoria, data e lugar de escrita, tomo como ponto de partida a comparação entre os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

### Relação sinótica

A comparação se justifica pela constatação de que os evangelhos chamados *sinóticos*<sup>2</sup> – Mateus, Marcos e Lucas – guardam entre si certo relacionamento que, uma vez determinado, lança

2 Da palavra grega *synopsis*, que significa “visão de conjunto”. Segundo Kümmel: “Em 1776 J. J. Griesbach introduziu a denominação com a sua *Sinopse*, na qual os textos paralelos dos três primeiros evangelhos foram colocados em três colunas, uma ao lado da outra, podendo ser comparados entre si num só olhar” (1982, p. 35, grifo do autor). O evangelho de João não pertence ao grupo, visto que sua organização narrativa sobre a vida de Jesus é bastante diferente em relação aos demais.

luz aos problemas de autoria e data. O evangelho de João não pertence ao grupo, visto que é marcadamente diferente. As observações seguintes fornecem elementos para tal distinção:

Quanto ao conteúdo, os três primeiros evangelistas narram muitos dos mesmos acontecimentos, concentrando-se nas curas, exorcismos e ensinamentos por meio de parábolas realizados por Jesus. João, embora narre algumas curas significativas, não traz qualquer relato de exorcismo nem parábolas (pelo menos das do tipo encontrado em Mateus, Marcos e Lucas). Além disso, muitos dos acontecimentos que consideramos característicos dos três primeiros evangelhos estão ausentes em João: o envio dos Doze, a transfiguração, o sermão profético, a narrativa da última ceia (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 19, grifo do autor).

A vinculação entre os evangelhos sinóticos é tida como certa na pesquisa neotestamentária, e pode-se dizer que tem como característica uma relação de proximidade e distância. Do ângulo da proximidade, eles fazem uma apresentação muito semelhante do ministério de Jesus. Em linhas gerais, é possível visualizar a seguinte organização: surgimento de João Batista anunciando a vinda do Cristo; batismo e tentação de Jesus, marcando o início de seu ministério; desenvolvimento das atividades de Jesus na Palestina setentrional, na região denominada Galileia; ao final, Jesus dirige-se para Jerusalém, onde passa seus últimos momentos, sendo preso, julgado e morto. Ao terceiro dia, ressuscita.

Por outro lado, dentro dessa estrutura construída a partir de semelhanças, há diferenças a serem consideradas. Mateus e Lucas possuem maior volume de material.<sup>3</sup> Por exemplo, a descrição da tentação de Jesus é bem mais desenvolvida em Mateus e Lucas (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13) do que em Marcos (Mc 1,12-13). Enquanto aqueles trazem uma narrativa da infância de Jesus

<sup>3</sup> Enquanto Marcos apresenta dezesseis capítulos, Mateus contém vinte e oito e Lucas vinte e quatro.

(Mt 1-2; Lc 1-2), Marcos omite tal período; o mesmo pode ser dito do chamado Sermão do Monte, em Mateus (Mt 5-7), e do Sermão da Planície, em Lucas (Lc 6,17-49),<sup>4</sup> e de outros sermões presentes em Mateus (10 e 23).

Não existem, entretanto, apenas diferenças na comparação entre Mateus e Lucas com Marcos. Os dois primeiros também divergem consideravelmente. Enquanto a genealogia em Mateus inicia com Abraão (1,2) e conclui com José (1,16), em Lucas ela é aberta com José (3,23) e se encerra com Adão (3,38). A tentação de Jesus em Mateus indica como lugares geográficos, em sequência: deserto, templo, monte (Mt 4,1-11). Lucas, por sua vez, apresenta a ordem: deserto, lugar alto, templo (Lc 4,1-13). Finalmente, cada evangelho contém material que lhe é peculiar.

Diante desse dado, os estudiosos dos evangelhos buscaram respostas para aquilo que se convencionou chamar de “questão sinótica”. Várias foram desenvolvidas sem apresentar um grau de convencimento que as levasse a se imporem no campo da pesquisa bíblica.<sup>5</sup> A que mais adesões obteve e que se mantém até os dias de hoje como plataforma sobre a qual os estudos dos evangelhos em geral, e de cada um deles em particular, se constrói é a chamada “Teoria das Duas Fontes”.

A consciência de que há uma interdependência entre os evangelhos sinóticos e a busca de soluções para essa questão surgiu de modo consistente no século XVIII, embora anteriormente

4 Embora o conteúdo seja bastante semelhante, o sermão de Mateus é mais desenvolvido. O autor do evangelho de Mateus situa o sermão no “monte”: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte [...]” (5,1); ao passo que Lucas apresenta o dado geográfico, referindo-se à “planície”: “E, descendo com eles, parou numa planura [...]” (6,17).

5 Para uma descrição das propostas, cf. Kümmel (1982, p. 44-60); Neill; Wright (1988, p. 112-140); Stein (1992, p. 784-792). Davies e Allison Jr. (1988, v. 1, p. 97, nota 48) apresentam várias teorias bem como vasta bibliografia. Para eles, “Uma minoria [de estudiosos], contudo, tem postulado a primazia de Mateus” (1988, v. 1, p. 97, tradução nossa). Segundo Hagner, “[A] nova cruzada para estabelecer a prioridade de Mateus não tem sido bem-sucedida, contudo, em persuadir os estudiosos do NT como um todo” (1993, v. 1, p. xlvii, tradução nossa).

já existissem manifestações a esse respeito. Kümmel observa que Agostinho fizera comentários a respeito dos evangelhos em sua obra *De consensu evangelistarum*,<sup>6</sup> afirmando que eles foram produzidos na ordem em que aparecem no cânon cristão – Mateus, Marcos, Lucas e João – e que Marcos teria redigido seu evangelho como um resumo de Mateus (KÜMMEL, 1982, p. 44).

A influência de Agostinho marcou profundamente os estudos dos evangelhos e se estendeu até o século XIX, quando o quadro começou a ser alterado. Historicamente essa mudança é atribuída a Karl Lachmann. Em artigo escrito em 1835, intitulado *De Ordine Narrationum in Evangeliiis Synopticis*<sup>7</sup> (apud NEILL; WRIGHT, 1988, p. 117, nota n. 1), afirma ser impossível manter a opinião geral de que Marcos fizera uso de Mateus e Lucas. Ao comparar sinoticamente os três evangelhos, com atenção especial para a ordem dos acontecimentos, observou que, quando Mateus e Lucas usam o mesmo material encontrado em Marcos, a ordem seguida pelos dois é muito próxima; entretanto, quando se distanciam deste, não há correspondência entre a descrição feita por eles. Baseado nisso, Lachmann concluiu que os três fizeram uso de uma fonte anterior a eles, oral ou escrita, e que Marcos seguiu de modo mais acurado tal fonte. Portanto, para ele, Marcos contém uma tradição dos evangelhos mais antiga do que os outros dois. Essa conclusão inverteu o curso da pesquisa. A partir desse momento, Marcos assumia a prioridade.

Ampliando as conclusões de Lachmann, C. H. Weisse e C. G. Wilke, em pesquisas independentes, propuseram em 1838 que o evangelho de Marcos representava uma fonte comum a Mateus e Lucas. Weisse, por sua vez, avançou mais ao dizer que, em função das diferenças existentes entre Mateus e Lucas em relação a

6 Escrita por volta de 400 d.C.

7 A ordem da narração nos evangelhos sinóticos (tradução nossa).



Marcos e, por outro lado, das similitudes entre os dois primeiros, estes devem ter usado uma fonte em comum: a fonte Q.<sup>8</sup> Dando um formato final à teoria, B. H. Streeter argumentou em favor da existência de duas outras fontes, M (usada apenas por Mateus), e L (utilizada somente por Lucas).<sup>9</sup> A teoria desenvolvida foi a já mencionada “Teoria das Duas Fontes”, enfatizando Marcos e a fonte Q como as principais fontes utilizadas por Mateus e Lucas. Na pesquisa moderna sobre os evangelhos, esses estudos ficaram conhecidos como “Crítica das Fontes”. Bauer a define: “Como o nome já diz, a abordagem crítica examina o texto com o objetivo de reconstruir materiais escritos mais antigos (ou fontes) que estão por trás do texto atual e a partir dos quais o texto final foi composto” (1988, p. 122, grifo do autor, tradução nossa).

O quadro abaixo e sua explicação fornecem uma clara visualização da relação sinótica:

<i>Mateus</i>	<i>Marcos</i>	<i>Lucas</i>
330	330	330
178	278	100
230	.....	230
330	.....	.....
.....	53	.....
.....	.....	500

Os 330 vv. [versículos] de Marcos se encontram também em Mateus e em Lucas. Os 278 vv. de Marcos estão em parte em Mateus e em parte em Lucas. Os 230 vv. são comuns em Mateus e Lucas. Os versículos próprios são: 53 em Marcos; 330

<sup>8</sup> Do alemão *Quelle* = fonte. Este documento hipotético é caracterizado por conter apenas afirmações de Jesus, sem qualquer descrição narrativa.

<sup>9</sup> Não se pode afirmar com certeza se tais fontes seriam textos escritos ou se os autores de Mateus e Lucas teriam feito uso de tradições orais. Kümmel, por exemplo, é a favor da segunda opção (1982, p. 132).

em Mateus; e 500 em Lucas. As perícopes de tradição tríplice constituem a metade de Marcos e uma terça parte de Mateus e Lucas. A dupla tradição supõe uma quinta parte de Mateus e Lucas (MONASTERIO; CARMONA, 1994, p. 59-60).

Os números acima dão suporte à teoria das Duas Fontes, uma vez que indicam: textos em comum aos três evangelhos, tomados, portanto, de Marcos; textos presentes apenas em Mateus e Lucas, provindos da fonte Q; e textos encontrados unicamente em Mateus, fonte M, e somente em Lucas, fonte L.

É importante esclarecer as limitações dessa abordagem, reconhecendo que as fontes Q, M e L são uma hipótese literária, visto que não existem concretamente, sendo conhecidas apenas pelas comparações entre os evangelhos sinóticos. São bem equilibradas as palavras de Carson, Moo e Morris ao avaliarem a teoria:

A hipótese das duas fontes oferece a melhor explicação global para o relacionamento entre os evangelhos sinóticos, mas, para concluir, é preciso trazer duas palavras de advertência. Em primeiro lugar, o processo que deu origem aos evangelhos foi complexo, tão complexo que *nenhuma* hipótese da crítica das fontes, por mais detalhada que seja tal hipótese, pode almejar fornecer uma explicação cabal da situação [...] [em segundo lugar] devemos tratar essa hipótese mais como uma teoria funcional do que como uma conclusão concreta (1997, p. 43, grifo do autor).

## **Autoria**

Pelas razões aludidas acima, a questão de autoria torna-se de difícil determinação. Mesmo o título: “Evangelho segundo Mateus” traz questionamentos, visto que, como nos lembram Davies e Allison Jr., ele “[...] certamente não pertence ao autógrafa. Entre outras coisas, a tradição textual fornece mais de um sobrescrito” (1988, v. 1, p. 129, tradução nossa). O título foi afixado no evangelho em algum momento do segundo sécu-

lo. O evangelho de Mateus, como os demais, é um documento anônimo. Somando-se a isso, o próprio evangelho não fornece nenhuma pista sobre sua autoria, apenas textos em que o apóstolo Mateus é mencionado. No corpo do evangelho temos unicamente a informação de que Jesus chamou para segui-lo um coletor de impostos chamado Mateus: “Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: ‘Segue-me!’ Ele se levantou e o seguiu” (Mt 9,9), e, no capítulo seguinte, a menção de que esse homem encontra-se entre os apóstolos: “Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e *Mateus*, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu” (Mt 10,3, grifo nosso). Há, nos dois textos, a mera referência a Mateus, sem nenhuma indicação de que esse apóstolo tenha sido de fato o escritor do evangelho.

Além do mais, do que foi dito no item anterior, isto é, a dependência de Mateus em relação a Marcos, e o uso da fonte Q juntamente com Lucas, é estranho pensar que o apóstolo Mateus teria sido o autor do evangelho, visto que, como testemunha ocular dos acontecimentos narrados, não precisaria de materiais de suporte para produzir seu texto, ainda mais se pensarmos que Marcos não era apóstolo. É razoável, portanto, juntamente com a grande maioria dos estudiosos do primeiro evangelho, concluir que o apóstolo Mateus não é o autor do evangelho que leva seu nome. Se essa proposição for tomada como verdade, por que, então, o evangelho recebeu tal autoria?

Isso se deve a uma citação feita por Eusébio, bispo de Cesaréia. Em sua obra *História Eclesiástica*, escrita entre os anos 323 e 325 d.C., ele cita o livro *Explicações das palavras do Senhor*, escrito por Papias, bispo de Hierápolis, nos primeiros vinte e cinco anos

do segundo século:<sup>10</sup> “Referente a Mateus, [Papias] diz o seguinte: ‘Mateus ordenou as sentenças em língua hebraica, mas cada um as traduzia como melhor podia’” (2002, III, 39, 16, p. 113, grifo nosso).

Como lembra Donald Hagner, a questão relacionada à tradição sobre a autoria mateana é saber se ela é “confiável” (1993, v. 1, p. lxxvi). Embora Eusébio mencione que as informações fornecidas por Papias provêm de presbíteros que, por sua vez, receberam-nas dos apóstolos (EUSÉBIO, 2002, III, 39, 7, p. 112), há questões controversas. É estranha, por exemplo, a afirmação de que Mateus teria composto o evangelho em hebraico ou aramaico, visto não haver nenhum elemento histórico e linguístico que comprove tal feito. Mais do que isso, como fica evidente pela Teoria das Duas Fontes, o evangelho de Mateus baseou-se em textos escritos em grego e não em hebraico. Hagner, buscando um meio-termo entre as possibilidades de entendimento da autoria, não crê ter sido Mateus o autor do evangelho, mas vê o apóstolo como uma das fontes usadas por um ou vários de seus discípulos, principalmente para os textos que fazem parte unicamente de Mateus, na elaboração do evangelho (1993, v. 1, p. lxxvi). Outros entendem que, de fato, Papias estava equivocado quanto à origem do evangelho, em hebraico ou aramaico, mas certo a respeito de seu autor (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 78-83). Por outro lado, a posição prevalecente é a de que, mesmo que Papias represente um dado histórico bastante antigo, ele deve ser abandonado como testemunha da autoria mateana.<sup>11</sup> A opinião predominante considera que se pode afirmar apenas que o evangelho deve ter sido escrito por um autor judeu.

<sup>10</sup> Tem-se conhecimento desse texto até a Idade Média, em bibliotecas da Europa, no entanto, ele não chegou aos dias de hoje (Cf. CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 75).

<sup>11</sup> Cf. KÜMMEL, 1982, p. 58-59; LOHSE, 1985, p. 150-151; LUZ, 1993, v. 1, p. 105-107.